DADOS HISTÓRICOS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: OS FIÉIS ASSEMBLEIANOS DA DÉCADA DE 1990 E A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

George Luna de Araújo Júnior[1]

RESUMO: O trabalho busca apresentar aspectos históricos do pentecostalismo brasileiro com ênfase na Igreja Assembleia de Deus no estado de Pernambuco, na cidade de Abreu e Lima. A partir dessas informações, é analisada a expectativa de fiéis pentecostais da década de 1990 sobre a crença escatológica da segunda vinda de Cristo. Esta investigação objetiva compreender a visão de mundo por trás da expectativa dessas pessoas em aguardar o retorno de Jesus a qualquer momento, sobretudo por se acreditar que, tendo no horizonte a virada do milênio, o ano 2000, o fim estaria próximo. A pesquisa considera, ainda, uma revisão bibliográfica de obras importantes sobre o pentecostalismo no Brasil e de uma análise das revistas periódicas Lições Bíblicas e Mensageiro da Paz, principais veículos de divulgação e doutrinação das Assembleias de Deus no Brasil. Como aporte teórico, no campo da história, é utilizado o conceito de lugares de memória, de Pierre Nora, bem como recorre-se a análise de conteúdo, de Laurence Bardin, como a técnica adequada para tratar os documentos coletados. A pesquisa demonstra, de forma clara, o quanto a iminência da virada do milênio influenciou as lideranças pentecostais para se engajarem na disseminação da ideia de que todos os crentes (termo empregado pelos membros desse segmento religioso a fim de identificar uns aos outros) deveriam estar espiritualmente preparados para este evento, aliás, o mais esperado entre eles até hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Doutrina pentecostal. Arrebatamento da igreja. Década da colheita.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o crescimento exponencial do movimento pentecostal no Brasil e em várias partes do mundo tem sido alvo de diversos estudos, debates e pesquisas na área, explicitando nuances e ressignificações deste movimento com o passar do tempo. De acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 22,2% da população brasileira, o que representa um universo de mais de 42 milhões de pessoas, denominava-se evangélica. Isto significa que, quando comparado ao

[1] Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e bolsista do PIBIC/FASA.

censo anterior, o aumento da quantidade de adeptos à fé cristã protestante se deu na casa dos 16 milhões. Porém, algo bastante significativo nestes números é a não-homogeneidade deste crescimento, pois os que mais cresceram foram os pentecostais, representando 60% da população evangélica.

Diante destas informações, faz-se necessário entender quais as origens do pentecostalismo e como ele se desenvolveu até chegar ao Brasil e ganhar esta dimensão que conhecemos hoje. O termo "pentecostalismo" oriunda da palavra grega "pentecostes", que é traduzida como "quinquagésimo". A expressão faz menção a uma festa sagrada para os judeus que ocorre 50 dias após a comemoração da Páscoa. Conhecida como Festa da Colheita ou Festa do Pentecostes, ela é considerada pelos judeus como um momento de gratidão pelo sucesso na lavoura e na colheita. Entretanto, para os cristãos, esta data possui um outro significado. Segundo os relatos bíblicos do novo testamento, foi no dia de Pentecostes, logo após a morte de Jesus, que cerca de 120 pessoas, entre eles os apóstolos, teriam recebido o Espírito Santo. De acordo com a teologia pentecostal, esta experiência, também chamada de batismo no Espírito Santo, é caracterizada pela "[...] mudança de orientação pessoal (santificação) e mais concretamente pela capacidade de falar línguas estranhas, ou seja, glossolalia" (SANTOS, 2008, p. 13). Em outras palavras, o que afirma se uma pessoa teve ou não uma experiência pentecostal é esta evidência sobrenatural do falar línguas desconhecidas concatenada a uma vida piedosa e santificada.

Situando-se nesse contexto bíblico-religioso e partindo dos conceitos supramencionados, é possível identificar com mais clareza as raízes deste movimento que, de acordo com a grande maioria dos teólogos e historiadores, teve seu ponto de partida principal no século XVIII, através do britânico Jonh Wesley, fundador do Metodismo. Ele pregava que para experimentar o "poder" de Deus e receber o Espírito Santo era necessário viver uma vida de integridade, santidade e de completa abstenção do próprio eu. Este avivamento espiritual em que se baseava os sermões de Wesley foi a base para o pentecostalismo, influenciando diretamente o movimento *holiness* (santidade) que surgiria em meados do século XIX nos Estados Unidos da América. Um dos grandes líderes deste movimento estadunidense foi Charles Fox Parham, que fundou várias

escolas bíblicas no intuito de abordar a temática do batismo no Espírito Santo, incentivando os seus alunos a buscarem com fervor esta experiência sobrenatural. Um dos alunos de Parham foi o jovem Willian Seymour, que teria recebido o batismo no Espírito Santo na janela da congregação em Houston (Texas) enquanto ouvia os sermões do seu professor. Sobre Seymour, o teólogo e professor Adriano Lima afirma:

> O pastor Seymour anunciava com vigor e alegria essa nova doutrina. De acordo com ele, Deus já presenteava o ser humano com duas grandes bençãos, a saber: a conversão e a santidade. Mas não apenas isso. O desejo de Deus, de acordo com Seymour, era que todos os fiéis recebessem a terceira benção: o batismo no Espírito Santo. O fenômeno do batismo com o Espírito Santo se alastrou por todos os lugares e foi atraindo muitos fiéis protestantes. (LIMA, 2018, p.88)

Na verdade, as pregações de Seymour fizeram dele o mais influente nome do pentecostalismo estadunidense. Foi ele que iniciou o tão famoso avivamento da Rua Azuza, em 1906, que durante três anos e meio atraiu milhares de pessoas. As reuniões ocorriam todos os dias da semana, três vezes ao dia, devido ao grande número de fiéis. Este movimento do início do século XX foi o celeiro de centenas de missionários que partiram mundo a fora para propagar o cristianismo à luz da doutrina pentecostal, entre eles o italiano Luigi Francescon e os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que são considerados os precursores do movimento pentecostal no Brasil, conforme será visto adiante.

2. CHEGADA DO MOVIMENTO PENTECOSTAL NO BRASIL, EM PERNAMBUCO E NO MUNICÍPIO DE ABREU E LIMA

Como pode-se perceber, o pentecostalismo no Brasil possui uma grande influência do movimento que ocorreu nos Estados Unidos. Todo este caminho citado até aqui contribuiu diretamente para o surgimento e expansão da doutrina pentecostal no solo sul-americano. Foi em 1910 que chegou no município paranaense de Santo Antônio da Platina o missionário Luigi Francescon, que naquele mesmo ano, com a ajuda de Giácomo Lombardi, fundaria oficialmente a primeira igreja pentecostal brasileira, a Congregação Cristã no Brasil (CCB). Também em 1910 pisavam no Estado do Pará os missionários

Gunnar Vingren e Daniel Berg, que no ano seguinte fundariam aquela que se tornaria a maior denominação evangélica do país: as Assembleias de Deus. Apesar de toda esta influência, seria temerário afirmar que antes da chegada dos missionários não houve relatos de experiências pentecostais ou de pessoas que afirmaram terem sido batizadas no Espírito Santo. Há diversos exemplos e um deles teria sido o letão Pedro Graudin, que chegou ao Brasil em 1900, em Santa Catarina, onde fundou a Igreja Leto-Batista, pastoreando-a até 1909. Foi neste último ano que ele e outros vinte e quatro irmãos teriam recebido o batismo com a evidência do falar em línguas estranhas. Esta experiência de Graudin, segundo Isael de Araújo, foi o motivo para sua desvinculação da comunidade batista, que não apreciava tais manifestações.

Apesar de Francescon ter realizado o primeiro culto oficial em terras brasileiras, ele não permaneceu regularmente no Brasil, ao contrário dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg que desenvolveram um trabalho mais profundo, estabelecendo-se no país, formando novos pastores e inaugurando templos nas mais diversas regiões. O primeiro culto oficial da segunda denominação evangélica-pentecostal no Brasil ocorreu no dia 18 de junho de 1911 com os missionários e mais dezoito fiéis, após serem expulsos da igreja Batista, por ocasião do batismo evidenciado em uma mulher chamada Celina de Albuquerque. A maior parte dos membros batistas não concordaram com a doutrina pentecostal dos missionários e permaneceram na igreja, já a outra parte resolveu se filiar a nova denominação que surgira com o nome de Missão da Fé Apostólica e que em 1918 mudaria de nome para Assembleia de Deus.

Foi exatamente neste ano de 1918 que Daniel Berg e Gunnar Vingren enviaram para o Recife o também missionário sueco Joel Carlson, que inauguraria na capital pernambucana, no bairro da Boa Vista, a primeira filial da igreja no estado. O primeiro culto oficial ocorreu na casa do casal de irmãos (termo comumente utilizado pelos pentecostais para identificarem-se uns aos outros) João e Felipa Ribeiro, em 24 de outubro de 1918, sendo Felipa considerada a primeira a testemunhar a evidência pentecostal no estado. Apesar do pioneirismo da Assembleia de Deus em Pernambuco ser creditado a Carlson, não se pode esquecer do evangelista Adriano Nobre, que foi enviado

em 1916 para "preparar o caminho". Ele ainda chegou a batizar dois fiéis no Rio Capibaribe.

A partir de então o movimento pentecostal foi se alastrando por todo o território pernambucano e chegou, em 1927, na cidade de Abreu e Lima, à época designada pelo seu antigo nome, Maricota. O responsável por plantar as primeiras sementes no município foi o presbítero Israel Carneiro, realizando o primeiro culto na casa do irmão Xavier com apenas dez pessoas, no final daquele ano. Porém, foi o ano de 1928 que se tornou a data de fundação da Assembleia de Deus naquele município, quando três coisas marcaram esse momento: o missionário Joel Carlson batizou vinte e cinco pessoas no rio Timbó, a irmã Maria do Carmo foi a primeira a receber o batismo com o Espírito Santo e sua casa foi a residência onde aconteceu o primeiro culto em caráter oficial.

Após Israel Carneiro, outros pastores exerceram a liderança da igreja em Abreu e Lima. À medida que os anos passavam, tanto a estrutura da denominação quanto o quantitativo de membros só faziam crescer, a ponto da Assembleia de Deus de Abreu e Lima ser a primeira no Nordeste a enviar missionários para outro país, no caso, Moçambique. Este fato ocorreu em 1974. No entanto, é necessário salientar que três anos depois deste marco importante, no ano de 1977, ocorre uma cisão que traria mudanças significativas na história da instituição assembleiana no estado: a divisão entre os campos de Recife e de Abreu e Lima.

Após o falecimento do então líder estadual (também chamado de pastor presidente) da Assembleia de Deus, o pastor José Amaro da Silva, uma eleição foi instaurada com vistas a ocupação do cargo. Concorreram à presidência os pastores José Leôncio da Silva e Isaac Martins Rodrigues, que era o responsável pelas congregações da região de Abreu e Lima. A eleição favoreceu o primeiro pastor que assumiu como presidente da denominação. A escolha, que culminou na ruptura e posterior independência do ministério de Abreu e Lima em relação ao ministério do Recife, fez com que ambos seguissem caminhos independentes, porém amistosos, mantendo vinculação com o maior e mais representativo órgão das Assembleias de Deus, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Foi na gestão do pastor

Isaac Martins que foi inaugurado a atual templo central da igreja em Abreu e Lima em 1994, hoje conhecida como IEADALPE (Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Abreu e Lima Pernambuco) e liderada pelo pastor presidente Roberto José dos Santos Lucena.

De um modo geral, é notório o crescimento do pentecostalismo em todo Brasil desde o início da século XX. Em 2010, de acordo com o IBGE, somente os assembleianos correspondiam a um universo de 12 milhões e 300 mil pessoas. Um número extremamente significativo. Para o sociólogo Paul Freston, esse desenvolvimento do pentecostalismo se dá em três ondas de implantação de igreja, sendo que cada uma delas com enfoques diferentes. A primeira, nomeada como pentecostalismo clássico, refere-se a Congregação Cristã no Brasil e as Assembleias de Deus, pioneiras do movimento, surgindo na década de 1910, conforme foi citado outrora. Estas possuem, até hoje um foco maior na doutrina do batismo com o Espírito Santo. A segunda onda trata-se do chamado pentecostalismo autônomo, que compreende as igrejas Brasil Para Cristo, Deus é Amor e Quadrangular, além de outras menores, que surgiram nas décadas de 1950/60 com ênfase na doutrina de curas divinas. Já a terceira onda, compreende os chamados "neopentecostais", que surgiram no final da década de 1970 e são conhecidos pela propagação da famigerada teologia da prosperidade. Nesta onda estão inseridas a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Sobre toda esta dinâmica do movimento pentecostal, ressalta Isael de Araújo:

> Como resultado de seu processo de expansão, o pentecostalismo se disseminou tanto na forma de movimento, denominação, seitas ou igrejas, como também de mentalidade. Desta maneira é que temos um história do movimento pentecostal brasileiro, porém, sujeita a novos acrescimentos devido à natureza plástica e expansiva do pentecostalismo, além de poder ser contada por meio de outras construções de narrativas históricas. (ARAÚJO, 2016, p.15)

3. OS PERIÓDICOS LIÇÕES BÍBLICAS E MENSAGEIRO DA PAZ COMO INSTRUMENTOS DE DIVULGAÇÃO E DOUTRINAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

À medida que o movimento pentecostal assembleiano se expandia no Brasil, fez-se necessário a criação de um mecanismo de divulgação em massa das doutrinas e dos acontecimentos que ocorriam na instituição em todo país. A obra evangelística avançava de modo avassalador em todas as regiões e, por este motivo, em 1919, quando a igreja ainda tinha oito anos de existência, foi fundado o primeiro periódico assembleiano, o jornal Boa Semente. Este jornal de cunho proselitista e doutrinário, servia como uma tentativa de homogeneização das doutrinas pregadas pelos missionários, evitando que eventuais "heresias" ou "desvios" se propagassem entre os fiéis. Este jornal seguiu único e absoluto por dez anos, até que em 1929 é lançado o Som Alegre, que teve vida curta, durando pouco menos de um ano. Este último fundiu-se com o Boa Semente, em 1930, para formar O Mensageiro da Paz que, a partir daquele ano, se tornaria o jornal oficial das Assembleias de Deus no Brasil, responsável pela divulgação de relatórios e acontecimentos das filiais em todo país e pela propagação das ideologias pentecostais, sempre em vista da não fragmentação doutrinária da denominação. Arão Inocêncio ressalta que a preocupação com a dissolução do movimento ocorria em virtude do aparecimento de divergências locais. Segundo ele, os divergentes eram não apenas excluídos, mas tinham os seus nomes expostos no jornal assembleiano para que toda comunidade estivesse alerta.

Neste mesmo período, no ano de 1930, surge um outro material que se tornaria um marco na história do movimento: as revistas Lições Bíblicas. Este periódico trimestral surge para ser utilizado nas reuniões matinais de domingo de todas as congregações espalhadas pelo país. Estas reuniões possuem um nome específico e são conhecidas, até hoje, como Escola Bíblica Dominical. Cada revista possui treze artigos distintos que abordam alguma temática doutrinária que se julgue necessária para aquele momento. É natural encontrar nestes periódicos algumas relações entre fatos da época em que foram escritos com a intepretação pentecostal da Bíblia. Isso é possível de observar tanto nas revistas Lições Bíblicas quanto no jornal O Mensageiro da Paz.

Ambos os periódicos continuam em plena circulação nos dias atuais, tendo passado por diversas reformulações e aperfeiçoamentos ao longo dos anos, especialmente no quesito gráfico, pois a estrutura como eles são organizados permanecem quase que

inalteradas. A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), fundada em 1940, é a editora oficial da instituição e é responsável por toda produção destes periódicos, que representam uma grande fatia dos lucros da Casa. Estima-se que, em 2010, eram produzidas cerca de 3 milhões de Lições Bíblicas por trimestre.

4. A DÉCADA DE 1990 E A EXPECTATIVA DA SEGUNDA VINDA DE CRISTO FRENTE A IMINENTE VIRADA DO MILÊNIO

De acordo com os relatos bíblicos, desde os primórdios da história da igreja habita no coração dos cristãos a esperança de que o mesmo Jesus que um dia teria sido assunto ao Céu voltaria para levar o seu povo. Esta crença na segunda vinda de Cristo é um dos principais fundamentos que sustentam o cristianismo até os dias de hoje. O movimento metodista de Wesley, que, conforme mencionado outrora, ressaltava a necessidade de uma vida de santificação para chegar-se a Deus, também foi motivado por esta chama de esperança. Considerando a influência direta deste movimento no pentecostalismo brasileiro, pode-se compreender as razões pela qual a mensagem da segunda vinda e do arrebatamento sempre esteve presente nos cultos e nos sermões assembleianos, desde o princípio.

Na declaração de fé das Assembleias de Deus (livro que reúne todo o credo da denominação), publicada em 2017 pela CPAD, Esequias Soares pontua sobre o arrebatamento:

> Esse advento será invisível aos olhos do mundo, porém seus efeitos serão perceptíveis. Isso ocorrerá em fração de segundos, e nosso corpo será transformado num corpo glorioso, que estará revestido de incorruptibilidade e imortalidade por ocasião do rapto da igreja. Será um evento repentino e secreto, precedido pelos sinais gerais da apostasia, guerras, fomes, catástrofes naturais, perseguições, de maneira que este evento não pode ser visualizado antecipadamente nem datado por esses ou por nenhum outro sinal. A condição para fazer parte deste glorioso evento é estar em Cristo. (SOARES, 2017, p.186)

Essa expectativa do segmento pentecostal em torno da segunda vinda de Cristo, tornou-se ainda mais evidente no período que compreendeu a década de 1990, por ocasião da iminente virada do milênio, que ocorreria no ano 2000. Havia muita esperança

por parte dos fiéis que as profecias apocalípticas que fazem alusão a este evento se cumpririam antes do fim daquela década. Diante disso, foi necessário catalogar e analisar os periódicos Lições Bíblicas e O Mensageiro da Paz de 1991 a 2000 para compreender melhor as particularidades deste fenômeno, tendo em vista que estes periódicos são os principais veículos de comunicação das Assembleias de Deus no Brasil.

Logo de início, foi possível perceber que a frequência dos temas escatológicos era maior do que o habitual, especialmente se comparado a década posterior a virada do milênio. Diversos artigos foram dedicados exclusivamente ao tema e de modo bastante exaustivo. Parece que os escritores sentiam a necessidade constante de encaixarem em todas as suas narrativas que "Jesus está voltando", que o "fim está próximo", que o "arrebatamento da igreja" é iminente. Todos os eventos sócio-políticos que ocorriam no Brasil ou no mundo, logo eram relacionados a um possível cumprimento das profecias bíblicas e ganhavam, pelo menos, um artigo no jornal O Mensageiro da Paz. É o caso do exemplar publicado em março de 1991, que possui uma matéria de quatro páginas com o título: "Golfo Pérsico: Palco do Armagedom", escrito por Josias de Oliveira Nunes. Nele, o autor faz um abordagem história e geográfica do que estava ocorrendo na região do Golfo Pérsico e relaciona diretamente com as profecias do Apocalipse. Para ele, "[...] os fatos que ora acontecem no Golfo Pérsico apontam para o cumprimento das profecias bíblicas, que falam de guerras e rumores de guerras [...]". (NUNES, 1991, p.16)

Outro exemplo é o segundo artigo que compôs a revista Lições Bíblicas no segundo trimestre de 1992. Escrito por Geziel Gomes, o artigo intitulado como "Sinais da sua vinda", traz uma abordagem bastante específica sobre quais seriam os sinais preditos da vinda de Cristo que estariam acontecendo naquele período, seja no campo social, político, tecnológico e até mesmo religioso. Ele ressalta, por exemplo, que "[...] a multiplicação da ciência é também um sinal dos últimos tempos [...]" (GOMES, 1992, p. 8).

Existem muitos outros artigos que foram escritos para abordar esta temática. No caso das Lições Bíblicas, de todas as quarenta revistas produzidas nestes dez anos que antecederam a virada do milênio, apenas duas não fazem uma alusão mais direta ao tema em suas lições (ou artigos). Este é um detalhe muito importante pois, quando é

considerado cada um destes artigos de forma individual, percebemos que cerca de 33% deles fazem menção à segunda vinda. Este percentual é duas vezes maior quando comparado a década posterior ao milênio, de 2001 a 2010. Estes dados, atrelados a relatos de pentecostais que viveram naquele período, revelam que, de fato, o contexto da virada do milênio gerou grande expectativa no coração dos fiéis e das lideranças pentecostais da época.

O então presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), pastor José Wellington Bezerra da Costa, lançou, em 1990, um projeto bastante ambicioso que teria um grande impacto no crescimento da denominação nos anos subsequentes. Em virtude da expectativa de que Jesus voltaria a qualquer momento, foi lançado a "Década da Colheita", uma grande mobilização evangelística que tinha como objetivos principais ganhar 50 milhões de almas (termo atribuído ao novos conversos), consagrar 100 mil obreiros, enviar novos missionários para outras nações e estabelecer mais 50 mil novos templos. Tudo isso deveria ser alcançado até o ano 2000 e através de esforços conjuntos por parte de todas as convenções filiadas, por meio de treinamentos e instruções vindos da comitê organizador do projeto. Um dos membros deste comitê foi o pastor Geremias Couto, que chegou a ser o autor de um exemplar das Lições Bíblicas (primeiro trimestre de 1993) no qual deu instruções, em todos os seus artigos, a respeito do *modus operandi* deste audacioso projeto.

Vale a pena ressaltar que a Assembleia de Deus na cidade de Abreu e Lima (PE), participou ativamente do projeto, sediando o encerramento da primeira Conferência Regional da Década da Colheita, em 17 março de 1991, conforme estava estampado na capa do exemplar do Mensageiro da Paz de maio daquele mesmo ano. Foi neste período também que a igreja abreuelimense "[...] vivenciou um franco período de evangelização, realizando dez grandes cruzadas intituladas Encontro com Cristo, resultando em um saldo de mais de 1000 almas [...]" (SANTOS, 2008, p. 104). Devido ao aumento significativo de fiéis foi criado, em 1991, a chamada Escola do Discipulado, que se encontra em pleno funcionamento até os dias atuais. No ano de 2010, Abreu e Lima foi considerado o município com maior percentual de pessoas evangélicas no Brasil, de acordo com o censo do IBGE.

Os objetivos traçados pelo comitê da Década da Colheita não foram plenamente alcançados e, de fato, a expectativa de que Jesus regressaria em 2000 foi frustrada. Apesar disso, toda este movimento contribuiu diretamente para o crescimento exponencial que o movimento pentecostal brasileiro experimentou a partir de 1990.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a história do movimento pentecostal, especialmente a partir do início do século XX, constituiu-se um grande marco no campo das religiosidades. Os pentecostais tem carregado a sua fé ao longo dos anos e alcançado espaços talvez jamais pensados por seus fundadores. No Brasil, onde o pentecostalismo sofreu algumas ressignificações peculiares, o segmento não para de crescer e de adentrar nas diversas esferas da sociedade. E, apesar da frustação da virada do milênio, o evento que se caracteriza como o arrebatamento da igreja, através da crença da segunda vinda de Cristo, continua sendo o mais esperado pelos fiéis até o dia de hoje.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão de, et al. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAÚJO, Isael de. *História do Movimento Pentecostal no Brasil*: o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*: elementos de uma sociologia da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. *Entre falas e silêncios*: o trabalho com depoimentos orais em estudos sobre o campo religioso, 2010. In: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos Luz; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; MORAES, Alfredo (orgs.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Bagaço; Universitária da UFPE, 2010. Vol. 5.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 1960.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*: uma interpretação sociológica do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Geziel. Sinais da sua vinda. *Revista Lições Bíblicas.* Rio de Janeiro: CPAD, 1992.

HANN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2011.

INOCÊNCIO, Arão. O mensageiro da paz: 1930-1990, uma história do sagrado. *UNIG.* 1993. Disponível em: < https://unig.br/wp-content/uploads/MENSAGEIRO-DA-PAZ-1930-1990-UMA-HISTORIA-DO-SAGRADO.pdf>. Acessado em: 05 dez. 2021.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.

LIMA, Adriano. *Assembleia de Deus e o espírito santo*: história, teologia e diálogo. São Paulo: Reflexão Editora, 2018.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos, 2005. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*. Ano III, n. 13, 1995, p. 37-52. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14222>. Acessado em: 20 mai. 2020.

NORA, Pierre. *Entre memória e história:* a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28

NUNES, Jonas de Oliveira. Golfo Pérsico: Palco do Armagedon?. *O Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, Ano LXI, n. 1249, 1991, p. 13-16

MARIZ, Cecília Loreto; GRACIANO JR, Paulo. *As igrejas pentecostais no Censo de 2010*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Religiões em movimento*: o censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos*: o campo religioso e seus personagens. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, (15), p. 13-33, 1997.

RIES, Julien. *Vida e eternidade nas grandes religiões.* Petrópolis: Vozes, 2019.

SANTOS, Roberto José dos, et al. *Síntese histórica*: Assembleia de Deus em Abreu e Lima, 80 anos. Abreu e Lima: FLAMAR, 2008.

SOARES, Esequias. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SOUZA, Joarib. *Assembleia de Deus em Pernambuco*: um século de pentecostes. Recife: Bereia Editora, 2018.